

## Distribuição Digital Musical: O Mercado Da Música Paraense<sup>1</sup>

Luisa Brasil Seabra<sup>2</sup>

Raissa Gama da Cunha<sup>3</sup>

Otoniel Lopes de Oliveira Junior<sup>4</sup>

Faculdade Estácio de Sá – IESAM, PA

### Resumo

Partindo da premissa de que a evolução da tecnologia e dos meios de reprodução modificam não só os meios de difusão mas também o modo sociocultural das pessoas no decorrer do tempo, este artigo tem como propósito analisar a adaptação dos artistas paraenses na transição do modo de disseminação musical, que no século XX era feita por meios materiais, para o século XXI que predominam meios virtuais. Para a produção deste artigo foram analisados os artistas paraenses: Gina Lobrista (cantora de rua), Félix Robatto (cantor e produtor), Léo Chermont e Arthur Kunz da banda Strobo. Estes artistas foram selecionados com a intenção de expôr diferentes perfis na forma em que se atua na cena musical e na forma em que usam a internet como meio de propagar a música paraense.

**Palavras-chave:** Consumo; Indústria fonográfica; Distribuição Digital; Música paraense.

### Introdução

A disseminação da música de modo geral tem passado por transformações com a evolução da tecnologia e a popularização da internet (ANDERSON., 2006). O propósito deste trabalho é esclarecer como está ocorrendo a adaptação dos artistas na transição da distribuição de sua música, que antigamente era feita apenas por meios físicos como discos, CD's e DVD's para o digital, downloads e streaming via internet.

Foram analisados os artistas paraenses: Gina Lobrista (cantora independente), Félix Robatto (cantor e produtor musical há mais de 20 anos) e a banda Strobo (que tem quatro anos de carreira) Cada um destes artistas possuem uma abordagem diferente de atuar na cena musical, regional e nacional, bem como de comportar-se frente às mídias digitais, de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação, Música e Entretenimento, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 1º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Multimídia da Faculdade Estácio de Sá – IESAM, email: [luisabrazil94@gmail.com](mailto:luisabrazil94@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 1º. semestre do Curso de Comunicação Social – Multimídia da Faculdade Estácio de Sá – IESAM, email: [raissagamacunha@gmail.com](mailto:raissagamacunha@gmail.com)

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Multimídia da Faculdade Estácio de Sá – IESAM, email: [Otoniel@oton.pro.br](mailto:Otoniel@oton.pro.br)

que forma usam as redes sociais, Youtube, Dezeer e outros meios de streaming<sup>5</sup> como meio de difundir seu trabalho.

As metodologias utilizadas para a obtenção de informações para a produção deste artigo foram análises dos perfis dos artistas nas redes sociais (notadamente nas plataformas Facebook e Instagram) e sites pessoais. A pesquisa participante realizada acompanhou os artistas nos shows e cinco entrevistas foram realizadas durante os meses de maio e junho de 2015. Com esta vasta possibilidade de propagação que a internet possibilita aos artistas, há várias maneiras de atuar, se posicionar e encontrar público para sua música, conforme será analisado neste artigo.

Segundo Anderson (2006) com a dependência de grandes meios como a televisão e rádio (broadcast<sup>6</sup>) e a ajuda da acessibilidade da internet, outros cantores e bandas tiveram espaço para propagar seu trabalho ao lado de geradores de grandes hits, recebendo visibilidade autônoma para divulgar seu trabalho. Além disso, o meio de reprodução também tornou-se mais acessível, mudando não só a quantidade como também a quantidade das produções.

Quando se é capaz de reduzir drasticamente os custos de interligar a oferta e a demanda, mudam-se não só os números, mas toda a natureza do mercado. E não se trata apenas de mudança quantitativa, mas, sobretudo, de transformação qualitativa. O novo acesso aos nichos revela demanda latente por conteúdo não-comercial.(ANDERSON., 2006).

### **Música no Pará: Distribuição**

Não é de hoje que os ritmos paraenses tem conquistado o Brasil ignorando as fronteiras estaduais. Carimbó<sup>7</sup>, brega e Tecnobrega são alguns dos ritmos que muito tem-se falado no contexto musical brasileiro ultimamente.

Desde a introdução do ritmo Carimbó feita pelo cantor Pinduca nos anos 80, passando pelo auge da banda Calypso e hoje variando entre o Tecnobrega de Gaby Amarantos e da banda Gang do Eletro, que são alguns dos “artistas conhecidos nacionalmente por trabalharem com músicas que fogem do óbvio”, segundo a Revista

---

<sup>5</sup>Streaming é uma tecnologia que utiliza a internet para reproduzir informações multimídia em tempo real.

<sup>6</sup> Broadcast é o processo pelo qual se transmite ou difunde determinada informação, de uma forma geral e massificada e enviada para muitos receptores ao mesmo tempo.

<sup>7</sup> Carimbó é o nome dado ao tambor feito de tronco de árvore cujo originou um ritmo e dança com o mesmo nome. Ele é popular no litoral do Pará e em algumas partes da região nordeste do Brasil.

Rolling Stones<sup>8</sup>. Segundo Oliveira (2010) diferença é que atualmente houve uma com a evolução da tecnologia que atingem processos socioculturais houve uma intensificação e modificação nos processos de distribuição musical, que já eram alternativos.

O início desta evolução que possibilitou esta difusão deu-se através da modificação no modo em que a cultura era propagada no início do século XX com a indústria cultural. A partir deste marco, ela passa a massificar e ser tratada como produto e com isso, modificando a ordem das técnicas de reprodução. “[...] opera-se esse progresso ininterrupto da técnica, não mais unicamente votado à organização exterior, mas penetrando no domínio interior do homem e aí derramando mercadorias culturais”. (MORIN., 1975).

A partir deste ponto, a produção musical é impulsionada por meios proporcionados pela indústria fonográfica com seus modelos de propagação físicos como LP’s, Fitas e Discos. Na década de 90, houve uma na mudança quanto à dependência de gravadoras para produção de material musical. Artistas paraenses gravavam por iniciativa própria seus álbuns e vendiam em bancas nos comércios de Belém ou por vendedores ambulantes. A banda Calypso, uma das bandas de mais sucesso de Belém do Pará, foi pioneira com esta iniciativa.

A dupla, formada pela loira extravagante e um experiente guitarrista, começou a gravar e vender sem apoio de uma gravadora. Criaram seu próprio selo e distribuíram seus CDs para grandes supermercados populares, freqüentados por seus fãs. A fórmula inovadora deu certo. Vendidos a preços baixos – entre R\$ 5,00 e R\$ 10,00 – os CDs não pararam nas prateleiras. Quando já haviam estourado entre as classes populares do Pará e outros estados do Nordeste, foram convidados pela produção do “Domingão do Faustão” para se apresentarem no programa. Do estúdio para todo o Brasil, atingindo um público de todas as idades, sexos e gostos. (LEMOS., 2009).

Bem como conceituou Benjamin (1985), a reprodução técnica alcançou a qualidade que não mais seria apenas um meio para as obras de arte, mas também alcançou um lugar nos procedimentos artísticos. Em relação à quebra de dependência de grandes gravadoras para a disseminação de música paraense, com avanço tecnológico mais intenso e acessível no início do século XXI proporcionado pela globalização, nas periferias da capital paraense a população mais carente teve acesso à internet, não por meio de computadores pessoais, mas por lan houses<sup>9</sup>, o que facilitou a criação e difusão do Tecnobrega.

<sup>8</sup> RABASSALLO, Luciana. Do rock ao indie paraense: selos musicais comandados por Zegon, Miranda e Dudu Marote anunciam casting. **Revista Rolling Stones**. São Paulo. 11 de Set. de 2014. Disponível em: <http://rollingstone.uol.com.br/noticia/do-rock-ao-indie-paraense-selos-musicais-comandados-por-zegon-miranda-e-dudu-marote-anunciam-casting/#imagem00>> Acesso em: 25 jun. 2015.

<sup>9</sup> As Lan houses são espaços com computadores que tem acesso á internet e que são alugados por hora de uso.

Segundo Braga (2010), as novas tecnologias, apesar de colaborarem com a disparidade que o sistema capitalista causa a nível mundial, elas também ajudam a reintegrar grupos socialmente desfavorecidos por proporcionarem acessos a curto tempo que a jamais antes foram conseguidos a nível local.

[...] é possível dizer que as novas tecnologias paradoxalmente servem a propósitos sociais antagônicos: de um lado elas viabilizam a concentração de poder no nível global sem precedentes, do outro lado elas potencializam, no nível local o acesso dos grupos socialmente desfavorecidos à informação e ao contato social fora dos limites geográficos das comunidades e grupos de origem, permitindo modos de participação mais democráticos. (BRAGA ET al 2010).

O Tecnobrega é um gênero musical criado na periferia da capital do Pará. Segundo Lemos (2009) “O Tecnobrega nasceu do ritmo Brega tradicional, produzido nas décadas de 1970 e 1980, quando se formou o movimento do gênero no Pará.” O ritmo é a junção do tradicional brega com música eletrônica. Este gênero musical faz parte de uma produção cultural marginalizada da indústria cultural, por isso, está longe de depender de grandes gravadoras.

Mais do que um estilo musical, o Tecnobrega é um mercado que criou novas formas de produção e distribuição. A apropriação das novas tecnologias é chave nesse ciclo produtivo. Estúdios caseiros, por exemplo, só foram possíveis graças ao acesso a equipamentos e computadores. O barateamento dos custos de produção por meio de tecnologias e mídias, como CDs e DVDs, possibilitou a criação de uma rede de diversos agentes no cenário musical de Belém, gerando trabalho, renda e acesso à cultura no Pará. (LEMOS., 2009).

Atualmente, com o desenvolvimento destas técnicas vê-se a atuação de artistas com Gina Lobrista, Félix Robatto e a banda Strobo em transição de nível local a nível nacional. Alguns deles ainda utilizam métodos do século passado, outros já trabalham com serviços de streaming. Esta diversidade de meios, não só de produção como também de distribuição, moldam a nova música paraense.

### **Novos meios de distribuição**

É fato que o avanço exacerbado da tecnologia desde o século passado provocou grandes mudanças no modo de distribuição da música. Visto que antes, a disseminação da música era feita de outra forma, os meios de divulgação e distribuição eram limitados, e atingir um grande público era desafiado.

Anderson (2006) explica que o consumo das pessoas pela música era semelhante antigamente pelo fato de as pessoas terem tido basicamente acesso às mesmas coisas. Eram

menos canais de TV, e os hits eram mais relevantes naquela época. Hoje, a distribuição da música acontece de forma muito mais ampla, já que as possibilidades são maiores.

A TV a cabo proporciona centenas de canais, e conseqüentemente, variados programas. O Youtube, iTunes, entre outros meios, proporcionam diversas opções de músicas pra ouvir e baixar da internet. Hoje, aquele que não possuía qualquer visibilidade e o que estava entre os primeiros nas paradas de sucesso, dividem a mesma cena.

Como se fossem produtos expostos na mesma prateleira, ofertados um ao lado do outro, sem que interesse o que foi produzido por uma grande gravadora, e o que se produziu de forma independente com o mínimo de recurso. Como se não houvesse mais barreiras capazes de diferenciá-los.

O estilhaçamento da tendência dominante em zilhões de fragmentos culturais multifacetados é algo que revoluciona em toda a sua extensão os meios de comunicação e a indústria do entretenimento. Depois de décadas de refinamento da capacidade de criar, selecionar e promover grandes sucessos, os hits já não são suficientes. O público está mudando para algo diferente, a proliferação caótica e emaranhada de... bem, ainda não temos um termo adequado para esses não-hits. Decerto, não são “fracassos”, pois, para começar, a maioria não buscava a dominação mundial. São “tudo o mais” (ANDERSON., 2006).

Ainda segundo Anderson (2006), antes do século XIX a cultura costumava ser local ou regional, pois não havia comunicação em massa. O acesso à informação era limitado, e era feito basicamente boca a boca. Já com a revolução industrial no século XIX, outras possibilidades começaram a surgir, a imprensa se expandiu graças à melhoria dos recursos de impressão. “Pela primeira vez na história, era quase certo que não só seu vizinho, mas também muitas pessoas de toda a cidade e talvez do país tinham lido as mesmas notícias que você [...]” (ANDERSON., 2006)

Os avanços dos meios de comunicação passaram a aproximar o que antes parecia ser tão distante. Com rádio e televisão começaria então a difusão de informação e cultura para todos os lados, e o melhor, gratuitamente. Mas isso apenas se tornou realmente avassalador quando as transmissões locais e regionais passaram a ser nacionais, por meio de linhas telefônicas de longa distância. Era certo que na noite anterior quase todas as pessoas haviam assistido as mesmas coisas, ou a mesma coisa.

Posteriormente o cinema surgiu, possibilitando que artistas fizessem cenas gravadas, e assim, pessoas em diversos lugares diferentes teriam a possibilidade de assistirem grandes estrelas do palco simultaneamente. E assim como acontecera com a imprensa e os jornais, não só você e as pessoas que faziam parte do seu ciclo diário ou da sua região estavam

tendo acesso aquele entretenimento, mas sim outros lugares e regiões, pessoas que você nem imaginaria a existência, estariam compartilhando aquela informação ao mesmo tempo.

Apesar de os meios de comunicação finalmente evoluírem ao ponto de tornarem o acesso simultâneo em diferentes lugares, ainda era limitado o conteúdo distribuído. A história sobre a evolução dos meios de comunicação e da distribuição cultural e informacional teria seu grande avanço 50 anos depois, quando surgiria a internet, que é o ponto principal dos novos meios da distribuição.

Possibilitar o acesso rápido, fácil e gratuito a milhares de conteúdos que não tinham espaço algum nas prateleiras das lojas, de repente ocasionou num vasto e lucrativo mercado. E é a partir deste ponto que a distribuição digital começa a ter sua grande relevância.

Pode parecer estranho ser um grande negócio a disponibilidade de músicas e de outros materiais na internet de forma gratuita ou barata, mas é assim que acontece hoje, e é dessa forma que artistas estouram suas músicas tão rapidamente, e de modo que tornam esse conteúdo conhecido nacionalmente, ou mais que isso, internacionalmente, à medida que a internet não tem fronteiras.

Portanto, se torna muito mais viável, artistas utilizarem a distribuição digital como forma de disseminação dos seus trabalhos, já que estamos na era da internet. E assim fazem Félix Robatto, Gina Lobrista e a Banda Strobo, artistas paraenses que trabalham com a distribuição de material na internet, e que fazem parte de diferentes nichos. Quando se fala em novos meios da distribuição podemos citar o YouTube, na divulgação de clipes e músicas de milhares de artistas. Deezer, iTunes, entre outros. O fato é que existem diversas formas de distribuição digital, que proporcionam um alcance de público muito maior e mais rápido se fôssemos comparar com 20, 30 anos atrás, que apesar de já existirem grandes rádios, a disseminação da música no geral não era tão acelerada e ainda tratávamos de um mercado de hits, e não de nicho.

Gina tem sua música influenciada pelo ritmo paraense brega, Félix pela guitarrada e até mesmo por rock progressista, e a Banda Strobo tem um som mais misturado com a música eletrônica. São três vertentes diferentes, mas que disputam a mesma cena musical e alcançam seus determinados públicos porque não se trata mais de grandes hits, e sim de uma era em que quanto mais houver alternativas, melhor. Uma era digital em que as possibilidades são enormes e a divulgação é mais simples, ampla, e gratuita.

Em geral, as redes de trocas de arquivos oferecem mais músicas do que qualquer loja de CD. Hoje, os ouvintes não só pararam de comprar tantos CDs quanto antes, mas também estão perdendo o gosto pelos grandes sucessos que até então atraíam multidões para as lojas, nos dias de lançamento. Ao se defrontarem com a possibilidade de escolher entre uma banda de garotos ou algo novo, cada vez mais pessoas estão optando pela exploração de novidades, e quase sempre ficam mais satisfeitas com os resultados da busca. (ANDERSON., 2006).

## Resultados

Para a realização desta pesquisa, foram chamados artistas que estão atuando na cena musical paraense e que tem algum envolvimento com a distribuição digital, seja por seu sucesso atingido devido a utilização destes meios como aconteceu a cantora Gina Lobrista, ou com o uso profissional através de site como o artista Félix Robatto e a banda Strobo.

A metodologia utilizada para a produção do artigo foram pesquisas online, acompanhamento dos artistas e entrevistas durante o período de maio á junho de 2015.

**Gina Lobrista:** A artista Gina Severina da Silva tem 34 anos, 17 anos de música e 7 como cantora. No início produzia sua irmã Geanny Ginos que cantava composições feitas pela sua mãe. As composições não agradavam a irmã, então Gina resolveu gravá-las sem que ninguém soubesse. Gina refere-se a si mesma como artista de rua. A cantora nasceu no estado de Recife, mas veio para o Pará ainda criança. Sua família morou em Serra Pelada na ascensão da corrida pelo ouro, período em que pessoas de todas as partes do Brasil imigravam para o sudeste do Pará para extrair ouro de Serra Pelada.

Quando a artista chegou a Belém, passou a mostrar seu trabalho cantando na rua com uma caixa de som e vendendo seus CD's. Sua versão da música "Eu estou apaixonada", composta por Roberto e Erasmo Carlos, tem sido sucesso nas rádios e aparelhagens na capital. Além disso, Gina conseguiu produzir um videoclipe com a ajuda de uma produtora local e já alcançou mais de 20.000 visualizações no YouTube.

Ela define sua música como "brega akoxadinho", ritmo criado por ela. Gina diz ter encontrado seu palco e lugar de onde não pretende abandonar, na feira do Ver-o-Peso<sup>10</sup>. "Aqui vem turista dos Estados Unidos, da Europa, de todos os lugares. Eu sabia que era o meu lugar. Não quero sair do Ver-o-Peso, independente do que acontecer. Quero ser reconhecida e lembrada como artista de rua".

A artista independente mantém perfis nas redes sociais Instagram e Facebook como meio de conseguir mais visibilidade e ter feedback com seus fãs, além da conta no YouTube. Seu lucro financeiro vem da venda de CD's geralmente feita no Ver-o-peso e da

---

<sup>10</sup>Ver-o-peso é a maior feira a céu aberto da América Latina.

realização de shows. Gina é um exemplo de como as mídias digitais podem viabilizar sucesso á artistas sem o auxílio de gravadoras.

Segundo o jornal Diário do Pará<sup>11</sup> "no início, oferecia os discos de porta em porta. [...] (Agora) Basta uma caixa de som, um banner e um microfone para que os 500 CDs, vendidos a R\$ 5, cheguem às mãos do público em um dia." Gina Lobrista conquista imprensa e fãs brasileiros.

### **Félix Robatto:**

Guitarrista, percussionista, compositor e produtor musical paraense. Félix dá início ao seu primeiro disco solo “Equatorial, quente e úmido”, que entrelaça três grandes referências do artista: a marcante música paraense com Carimbós, Bregas e Guitarradas, a dançante música latina com Cumbias, Merengues e Cadence Lypso e uma pegada de Surf Music, forte referência no trabalho do músico, que começou quando estava à frente da banda La Pupuña<sup>12</sup>.

Félix refere-se ao próprio som como uma sequência de influências, mas com traços próprios. “Conceituo o meu som como uma mistura de coisas que resolvi criar.” Aos 20 anos de carreira, o artista diz que ainda não conseguiu alcançar o público que almeja o público mais popular. Seu público costuma ser mais alternativo e moderno. Para ele o cenário atual musical paraense é cheio de originalidade, mas precisa de organização, foco e confiança. Precisa de incentivo e organização dos próprios artistas.

O cantor tem seu perfil pessoal no Facebook, mas que também serve para sua divulgação como a sua página na mesma rede social. Com o lançamento do seu primeiro álbum, ele fez parceria com o Deezer, serviço de streaming musical pago. Félix Robatto lançou seu primeiro clipe no YouTube com a ajuda de financiamento coletivo. No final do clipe da música "eu quero cerveja" ele pôs o nome de todas as pessoas que doaram renda para a produção do vídeo que hoje tem mais de 21.000 visualizações. Há mais de 1 ano o artista fez parceria com uma casa de shows no centro de Belém para fazer a festa "Quintarrada". A intenção é proporcionar a difusão da música paraense reunindo cantores locais com seus shows.

A Belém de Félix Robatto é uma festa regada a cerveja, depois de vitórias com o grupo La Pupuña que criou em 2004, com apresentações em eventos internacionais, Félix aposta numa mistura de suas referências em seu primeiro disco solo. A maior

---

<sup>11</sup> **Jornal Diário do Pará.** Pará. 05 out. 2014, disponível em: <<http://diariodopara.diarioonline.com.br/N-180625-GINA+LOBRISTA+CONQUISTA+IMPRESA+E+FAS+BRASILEIROS.html>> Acesso em: 15 jul. 2015.

<sup>12</sup> **Site Félix Robatto: Biografia.** Disponível em <<http://www.felixrobato.com/>> Acesso em: 05 jun. 2015.



delas é a guitarrada, onde o artista faz questão de citar Mestre Vieira, Mestre Solano e Manoel Cordeiro, como inspirações. O artista acha engraçado falar de guitarrada, quando a mesma nem é um ritmo propriamente dito, catalogado, não possui uma batida própria. “Guitarrada não é um gênero, é um sotaque”, diz o artista se referindo à guitarrada, e define seu novo disco como “um disco feito para se dançar<sup>13</sup>”.

**Banda Strobo:** A Banda Strobo une música instrumental com aparelhos tecnológicos produzidos por eles, como exemplo a “Strobox”, caixa com diversos botões que quando apertados reproduzem sons que lembram jogos eletrônicos dos anos 80 e está presente no último álbum da banda. O resultado é uma música pop com elementos instrumentais.

Possuem 4 anos de carreira, e apesar do curto tempo, a banda composta por Léo Chermont (guitarra) e Arthur Kunz (bateria) já embalsaram vários festivais e palcos pelo Brasil. Sobre o cenário atual da música paraense, Arthur fala que tiveram um grande incentivo virtual com a exposição de alguns artistas por meio do Terruá Pará, mas segundo o baterista Arthur Kunz o governo com sua burocracia vem espantando empresas patrocinadoras, que a cultura paraense vem enfrentando um momento difícil, mas que os artistas precisam tocar mais e mais em busca de formação de plateia.

A banda tem 3 discos lançados (“Strobo” de 2011 e “Delírio Cromático” de 2012 e “Mamãe quero ser pop” lançado no segundo semestre de 2014). Além disso, o duo já gravou programas como o Experimente da emissora de canal fechado Multishow, o Instrumental Sesc (o programa mais importante de música instrumental do Brasil) e o popular Estúdio Showlivre. A banda também tocou na edição 2012 do Festival Abril pro Rock, no projeto “Som em 4 tempos” da Sala Funarte (RJ), no Festival de Inverno de Garanhuns, na Virada Cultural Paulista 2013, no Conexão Rio (Circo Voador) e na Feira da Música de Fortaleza. Também foi finalista do Primeiro Movimento Hotspot, e indicada como banda revelação do 20º Prêmio Multishow. Com isso tem sido chamada para diversos outros festivais e shows no Brasil<sup>14</sup>.

A banda tem site próprio e disponibiliza o download de seus álbuns gratuitamente, página no Facebook, soundcloud, conta no YouTube onde posta seus vídeos com mais de 12 mil visualizações, além de uma parceria com o projeto Natura Musical, que patrocina e incentiva artistas nacionais, que também disponibiliza o download do seu último álbum.

## Conclusão

---

<sup>13</sup> MARIA, Julio. Félix Robatto apresenta sua guitarrada pop. **O Estadão de S. Paulo**. São Paulo. 27 jun 2015. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/musica/felix-robato-apresenta-sua-guitarrada-pop-1714402>> Acesso em: 15 jul. 2015.

<sup>14</sup>**Site Banda Strobo**. Disponível em: <<http://www.bandastrobo.com/>> Acesso em: 20 jun. 2015.

Em anos, como pode ser visto no processo do artigo, a indústria cultural e fonográfica passaram por variadas mudanças, e os modos de distribuição da música no cenário atual são diferentes do século passado. A transformação dos media e dos processos socioculturais desde a revolução industrial, que começou na Inglaterra no século XVIII, vieram provocando muitas mudanças, a maior delas é globalização, e deste ponto em diante distâncias foram sendo encurtadas, desde o avanço dos transportes, o surgimento da tecnologia, até que isso chegasse no mundo fonográfico.

Antes da grande era de informações instantâneas, muitos acontecimentos marcantes puderam ser destacados. O surgimento da imprensa (jornais e revistas), do rádio, do cinema, e da televisão foram grandes passos para toda a transformação que a indústria fonográfica sofreu no decorrer dos anos. Sair da era dos grandes hits da rádio, e chegar numa era onde quem faz hits e quem não faz podem concorrer no mesmo lugar onde existe espaço e demanda para toda e qualquer manifestação musical, é mesmo algo impressionante. E é exatamente esse o ponto, os modos de distribuição foram modificando-se à medida que os meios de comunicação avançaram. Antes dos tablets, computadores e aparelhos de armazenamento de arquivos geralmente ligados a internet, eram os meios de distribuição físicos como CD's e DVD's que predominavam.

Agora, tem-se um mundo de variedades na era digital. E como dito durante o artigo, ninguém entende de início como a distribuição digital e gratuita da música pode ser um grande negócio, mas é. Hoje tem-se um mundo de possibilidades, de novidades. A distribuição é feita através de plataformas digitais como Deezer, iTunes, YouTube, SoundCloud, entre outros. E é assim que muitas músicas se proliferam rapidamente, e viram grandes sucessos. A diferença é que agora tudo pode virar um grande sucesso, não existem mais limites, nem uma fórmula, o público quer simplesmente novidade.

Dessa forma concluímos, com a pesquisa feita com base em grandes autores e de três artistas/banda locais, que o cenário musical paraense sofreu toda essa transformação, e não poderia ser diferente, e que a distribuição digital é feita por meio de grandes plataformas já citadas anteriormente. Não importando o tempo de carreira da banda ou do artista, como Félix Robatto, que já fazia música antes destes novos meios da distribuição, e agora procura se adaptar ao mercado distribuindo seu material utilizando a internet ou como Gina Lobrista que fez sucesso nacionalmente através de por videoclipe no Youtube.

## **Referências bibliográficas**

ANDERSON, Chris. **A Cauda Longa: a nova dinâmica de marketing e vendas: como lucrar com a fragmentação dos mercados**. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier. 2006.

BRAGA, Denise Bértoli. **Tecnologia e participação social no processo de produção e consumo de bens culturais: novas possibilidades trazidas pelas praticas letradas digitais mediadas pela Internet**. Trabalhos em Linguística Aplicada. 2010.

BENJAMIN, Walter et al. **A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução**. Os pensadores, v. 48, p. 550, 1980.

DO CORRAL VIEIRA, Manuela et al. **Tecnologias digitais e streaming: a popularização da música paraense através das redes sociais na internet**. Temática, v. 11, n. 6. 2015.

Gina Lobrista conquista imprensa e fãs brasileiros. **Jornal Diário do Pará**. Pará. 05 out. 2004. Disponível em: <<http://diariodopara.diarioonline.com.br/N-180625-GINA+LOBRISTA+CONQUISTA+IMPRESA+E+FAS+BRASILEIROS.html>> Acesso em: 15 jul 2015.

LEMOS, Ronaldo et al. **Tecnobrega: o Pará reinventando o negócio da música**. 2009.

MARIA, Julio. Félix Robatto apresenta sua guitarrada pop. O Estadão de S. Paulo. São Paulo. 27 jun 2015. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/musica,felix-robatto-apresenta-sua-guitarrada-pop-,1714402>> Acesso em: 15 jul. 2015.

MORIN, Edgar; SARDINHA, Maura Ribeiro. **Cultura de massas no século XX**. 1975.

OLIVEIRA, Enderson; MAIA, Mauro. **Media, Música e Ciberespaço: Os novos modos de recepção e consumo de rock em Belém do Pará**. Revista Movendo Ideias Vol. 18 n. 2011.

RABASSALLO, Luciana. **Do rock ao indie paraense: selos musicais comandados por Zegon, Miranda e Dudu Marote anunciam casting**. Revista Rolling Stones. São Paulo. 11 de Set. de 2014. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/do-rock-ao-indie-paraense-selos-musicais-comandados-por-zegon-miranda-e-dudu-marote-anunciam-casting/#imagem00>> Acesso em 25 jun 2015.

**Site Banda Strobo**. Disponível em: <<http://www.bandastrobo.com/>> Acesso em: 20 jun. 2015

**Site Félix Robatto**: Biografia. Disponível em <<http://www.felixrobatto.com/>> Acesso em: 05 jun. 2015